

# Diário de Lisboa

Numero avulso: 20 CENTAVOS

Administrador e Editor

MANZONI DE SEQUEIRA

Tel. 3194 e 3195-C.—Esd. Telg. DEBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

SECRETARIO DA REDACÇÃO

ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAPHICA

Redacção, administração e officina

RUA LUZ SORIANO, 48

Impressão: Eua do Seculo, 43

**GUERRA** Junqueiro não foi só um poeta insigne, no que, nesta palavra poética, pode existir de poder fascinante de imagens e de rimas. Foi também um belo prosador. Confirmou esta afirmação as *Prosas dispersas*, ha pouco tempo publicadas, e das quais transcrevemos os magnificos periodos que seguem:

**D**O artigo «Raul Brandão»:

«Como o fogo devorador dissociou o rochedo, há labaredas ignotas que dissociam as almas. E se tais almas se desdobram, a natureza denuncia-se. O homem é um resumo ideal da natureza. Andou o infinito e lembre-se; andará o infinito e já o sonha.

Quando o genio expluc contemnos a natureza a sua historia. O genio supremo é o santo. O verbo santo, eis a lingua clara do Universo».

«Que é a Vida?»

A vida é o mal. A expressão ultima da vida terrestre é a vida humana, e a vida cifra-se numa batalha inexoravel de appetes, num tumulto desordenado de egotismos, que se entrecrocam, rasgam, dilaceram. O Progresso, marca-o a distancia que vai do salto do tigre, que é de dez metros, ao curso da bala, que é de vinte quilometros. A fera, a dez passos, perturba-nos. O homem a quatro leguas, enche-nos de terror. O homem é a fera dilatada.

**D**O artigo «Justino de Montalvão»:

«Na alma da maioria dos homens grunhe ainda, baixo e voraz, o fociinho do porco! O mundo é uma sala de jantar e um quarto de cama.

Diante do milagre das coisas, diante da flôr, do fruto ou da arvore, perguntam apenas: Quanto rende? Atravessam a vida, buscando oiro. Outros buscam a fé. Outros, sciencia.

«Mas na minha igreja e no meu templo todo o universo está rezando. Reza a luz, o ar, a pedra, a agua, o labio, a flôr. A natureza é um credo ascendente, uma oração a Deus evolutiva.

Murmurio bruto na montanha, silaba na rosa, cantico em Apolo, idealidade—espírito em Jesus. A oração de Jesus é a mais alta, porque é o hino do Amôr cantado pela Dôr, o beijo infinito, humido de sangue, escorrendo lagrimas.»

**D**O artigo «Os grandes homens».

«O grande artista não iguala o santo; mas aproxima-se dele.

O artista, criando beleza cria amor, porque a beleza é a expressão ritmica do Bem, é o amor a cantar, na forma e no som, no verbo e na luz.

A arte idealiza; portanto gera amor. O heroe tambem. Mas o heroe dá-nos o amor em acções, converte-o em pio espiritual, que vai dividindo pela terra.»

**D**O artigo «A Festa de Comôes»:

«Os pobres da minha terra, que debaixo de neve ou luz ardente, abrem com o arado e com a enxada os sulcos das vinhas e dos trigoais, apenas o sol de Deus chega ao zenite e vai em meio o dia de dôr e de canseira, param o trabalho, erguem-se e descobrem-se, e nessa attitude imóvel de oração, fazendo religiosamente o signal da cruz, entoam com voz profunda estas palavras: Louvado seja sempre Nosso Senhor Jesus Cristo!»

## JUNQUEIRO

O autor de *Os Simples* atravessou a vida, em busca da Verdade e da Justiça.

A Beleza era o seu guia, o seu oraculo.

Que representa a sua obra como adquisição definitiva duma consciencia liberta?

Apesar do muito que se tem tem dito e escrito, esta pergunta fica ainda sem resposta

Estamos numa epoca em que os poetas—os que interrogam o universo e visionam profecticamente a vida—são açoutados pela duvida como os canaviais. Talvez os seus olhos, num ou outro momento de inspiração, vejam o que, por detrás do horizonte, se esconde aos nossos cuidados e ás nossas pesquisas.

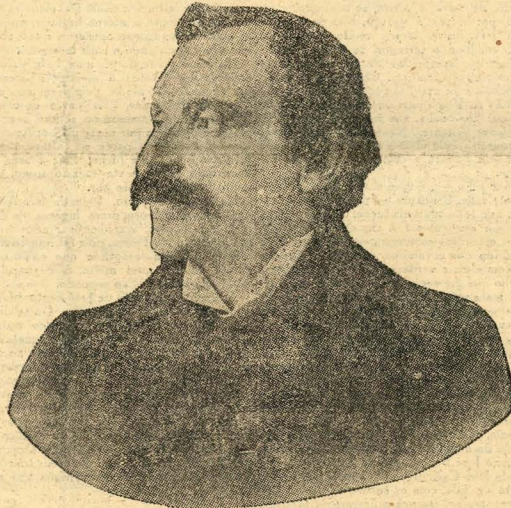
Essa advinhação, porém, é rapida como um relampago.

Quando eles nos querem comunicar os deslumbramentos do seu sonho, sentem-se sem o fulgar necessario para isso.

Junqueiro, bem na intimidade dos seus colloquios, afastava-se da terra, buscando sempre aproximar-se do Infinito.

Nalguns dos seus versos, ha uma palpitação tão pouco terrena que julgamos que por eles passou um sopro divino. Simples miragem.

Junqueiro nunca pôde desprender-se da terra, das paixões que a



O poeta aos 35 anos

agitam, dos sofrimentos que a retalham e das alegrias ferozes que geram a ironia e o sarcasmo. O seu pensamento voava alto para certificar-se de que o homem não é um prisioneiro da materia...

Que descobriu ele nas suas romagens de contemplativo?

A sua boca ficou muda a tal respeito.

Em *Os Simples* ele quiz fazer-se humilde e rasteiro, revestindo-se da samarra dos pastores.

Baixou-se para as coisas e nestas ouviu gemer a dôr — a mesma que ele conhecia já do seu proprio coração. O cavador pareceu-lhe um condenado. O ceu a cupula inclemente dum inferno. E o livro fecha desolado como um deserto, sem uma esperanza para os que só na fé se desalteram.

Junqueiro, como todos os que não podem aceitar como definitivas as criações do seu genio, depois de escritos *Os Simples* e *A Patria*, entrou a fundo no drama do seu destino.

O blasfemo que chegou a convencer-se de que, com as suas rimas, podia impunemente romper o misterio que envolve os mundos, empalideceu, ao achar-se tão pobre e tão só, perante o frio da morte. «Estará Deus no meu ser ou serei eu quem tenho de o procurar, purificando-me de todas as humanas impurezas?» — indagou ele.

Em todas as almas, ha ansiedades que nos erguem mais alto que o vôo dos condôres.

Foi, porventura, assim que Junqueiro partiu para Deus, não sendo o seu passamento mais que a continuação dum acto de amor?

**D**O artigo «O Sacré-Cœur»:

«Negar o cristianismo implica, pois, uma loucura monstruosa: negar Deus. Muitos o negam verbalmente, e a ele se encaminham pela virtude e pelo esforço. E outros, que se julgam intimos de Deus, nem de longe o conhecem, porque a todo o momento o estão negando nos seus actos, embora o afirmem nas palavras, loucas umas vezes, outras vezes hipocritas.

Deus é a infinita expressão, porque é Amor Infinito, sentindo e vencendo a infinita dôr. Os mais amorosos são os que mais se lhe chegam, e os mais egoistas, os mais afastados e os mais impios.

Eu tenho sido, devo declará-lo, muito injusto com a Igreja. «A Velhice do Padre Eterno» é um livro da mocidade. Não o escreveria já aos quarenta anos. Anunciou-o e ditou-o o meu espirito criado, mas cheio ainda dum racionalismo desvaído, um racionalismo de ignorancia, estreito e superficial. Contendo belas coisas, é um livro mau, e muitas vezes abominavel. Ha na grandiosa historia do catolicismo paginas de pavor, mas a Igreja com os Evangelhos cristianizou e salvou o mundo. No catolicismo existem absurdos, mas no amago da sua doutrina resplandecem verdades fundamentais, verdades eternas, as verdades de Deus. A força moral do catolicismo é hoje imensa, não pode negar-se.

**J**UNQUEIRO deixou no Porto um testamento meramente particular. O ano passado, com o seu genio, o sr. dr. Meiquita de Carvalho, terminou uma esboço dum grande poema.

O espolio literario do autor da *Patria* é enorme. E cuidadosamente que a familia do extinto o vai estudar, porque a letra de Junqueiro é difficilissima de comprehender.

SR. Presidente da Republica, enviou ao sr. dr. Mesquita de Carvalho o seguinte telegrama:

«Se os funerais forem no meado desta semana como V. Ex.ª me comunica terei grandissimo pesar de não assistir a eles, porque mã encontro de cama, em estado que é considerado senão grave, muito melindroso.»

A **REPUBLICA** dos Apostolos de Coimbra enviou á familia de Junqueiro, este curioso telegrama:

«Despertaram hoje mais negras as nossas capas e de luto surgiram os nossos corações. Portugal chora connosco um dos seus maiores filhos.»

SR. dr. Trindade Coelho convida os transmontanos tanto do distrito de Vila Real como de Bragança, a velarem hoje o cadaver do mais eminente dos seus compatrioticos.

CÓRPO de Junqueiro logo que saia da Estrela, será exposto no atrio da Camara Municipal ou no Parlamento.

CADAVÉR de Guerra Junqueiro lido para sempre nos Jeronimos ao lado de Garrett e Herculano.

UMA PAGINA ETERNA

# O espectro de Nun'Alvares

## do poema "Patria"

### de GUERRA JUNQUEIRO

Por tens avós chamaste. Um falta ainda.  
Falta a raiz da árvore de morte,  
Que em ti, vergontea exausta, expira,  
e finda

Oh, miseranda, lastimosa sorte,  
A deste coração desbaratado,  
Que outrora se julgou tão puro e forte!

Deu com ele a gangrena do pecado,  
Qual um bicho escândido que apodrece  
Um delicioso fruto embalsamado.

Nada valem tenções, nem vale a prece:  
E' das obras que vem á criatura  
O galardão e a pena que merece.

Não acudo de ingrata a sorte dura;  
Volvo-me contra mim unicamente  
Em meu desasosiego e má ventura.

Tamanho inda eu era, inda inocente,  
Alma candida e pura, como a rosa  
Aberta junto d'água ao sol nascente

Quando uma noite uma visão formosa  
Me apareceu e me diz com voz divina,  
Ao mesmo tempo clara e misteriosa:

«Li minha estrela d'outra a vária alma  
Que a estorçadas, magnánimas empresas  
E a feitos não obrados te destina.

«Mas que valem altíssimas grandezas,  
Mas que valem as pompas e as victórias  
Se a mundano desejo andarem presas?»

«Só da fé, só do bem, queдам memórias;  
Tudo o mais é poesia, um vão ruído,  
Uns tumultos de sombras ilusórias...

«Cavaleiros coração ardido  
A grande terra levará seus feitos,  
Quando ponha em Jesus alma e sentido.

«Melhor que duro arnez, defendem péitos  
Virtude adamantina e graça clara,  
Com que Deus abraqueia os seus eleitos.

«Sê casto como a luz beijando a seara,  
Firme qual entre as ondas o rochedo,  
Manso como ovelhinha em pedra d'ara.

«E, como o sol d'Abril veste o arvorejo,  
D'armas resplandecentes vestidas  
O teu corpo d'herói, viçoso e ledo.

«Só pela Patria e Deus batalharás,  
De tua larga mão caíam na terra,  
Num gesto grande a beatitude e a paz.

«Seja neve dos pináculos da serra  
Teu limpo coração, bondoso e humano,  
Quer na tranquilidade, quer na guerra.

«A tirania ao fim pune o tirano,  
Contra o injusto volta-se a injustica,  
E a maldade é aos maus que faz o dano.

«Arreda para longe ódio e cubica;  
Contra ero inimigo um bravo alento,  
Contra amargura e dor alma submissa.

«Viva dentro da carne o pensamento,  
Na pureza da virgem confinada,  
Dentro da cela branca dum convento.

«E a carne exultará transfigurada,  
Qual a nuvem escura em céu ligeiro,  
Em lhe batendo a luz da madrugada.

«De tal guisa, vencendo-te primeiro,  
A todos vencerás como um leão,  
Formidável e nobre cavaleiro.

«E de Cristo e da Patria em defensão  
Brilhará tua lança como um trovão!  
Mandarà tua voz como um trovão!»

Assim falou (se me abalou julgai-o!)  
A graciosa visão, que se desfez  
Pouco a pouco em suavissimo desmaio.

Donzel eu era já, quando outra vez  
As mesmas falas me de improviso,  
Me repete co'a mesma candidez.

Todo cheio de lagrimas e riso,  
Num enlevo quedei, numa ansiedade,  
Mais que da terra já, do paraíso.

E á celeste, benéfica deidade  
Jurei suas razões maravilhosas  
Puramente cumprir e de vontade.

Jurei que nunca minhas mãos culposas  
Mulher mancha haviam de tocar,  
Feite que fôra de luar e rosas.

Jurei, unido em Cristo á luz do altar,  
Pôr batalha de morte a meus desejos  
E meus vícios da carne assossegar.

Anos do mundo, breves ou sobejos,  
Fadigações da vida tão mesquinha,  
Com seus ais, com seu pranto, com seus  
beijos,

Tudo votei sem pena e bem asiada,  
A' cruz do Redentor e á cruz da espada,  
Ao meu Deus verdadeiro e á Patria mi-  
nha,

Jurando aguardar sempre, e bem guar-  
dada,  
Uma alma pura em natureza pura,  
Qual em ambulá d'outra hostia sagrada.

Ai, de mim! ai, de mim! falei á jural!  
Ai, de mim! ai, de mim! porque uma  
peste

Logo te não queimou, lingua perjura?!

Ah, donosa visão, visão celeste,  
Nem devera de ter descortinado  
Naquelas altas falas que me deste,

Que eu, em vício de amor sendo gerado,  
Remiria na carne aborrecida  
Pela grã penitencia o grã pecado.

Madre senhora! ó madre estremeçada!  
Antes ficaras tu noiva e donzela,  
E eu não abrisse o olhar á luz e á vida!

O' padre carinhoso! ó madre bela!  
Vossa culpa caiu no vosso fruto,  
E, com a culpa amarga, o nojo delat!

Quase não hei de vos: a mim imputo  
Lastima e dano, que me só provém  
Destse bichoso coração corrupto.

Por vós criado fui, como ninguém;  
Vós me guiaste com suave gesto,  
Desde menino a alma para o bem.

Remissor dum pecado eu fôra eleito;  
Assim me disse a candida visão,  
E me escreveu com lagrimas no peito.

Quando tu, padre meu, allo varão,  
Mulher me cometeste, logo ansioso  
Se me agastou, nublado, o coração.

E toda a noite o arcanjo luminoso  
Repetindo: Não deixes, filho meu,  
Gloria celestial por triste gozo!

E a miseria da carne me venceu!  
O' padrest! perdoai, chorai comigo,  
Que o vosso algoz tirânico fui eu!

Eis aqui vosso algoz, vosso inimigo!  
Por mim purgatorio estais sofrendo,  
E eu sofro, além do meu, vosso castigo.

Oh, destino cruel! oh, caso horrendo!  
A livrar-vos da falta me hei proposto,  
E sou o Judas negro que vos vendi!

Nem pára aqui meu transe e meu des-  
gosto.  
Como de olhar-me, ó sol deslumbrado,  
Não se lê muda em noite a cor do rosto?

Como não gelas, dize, de pavor,  
Vendo que em fraco peito miserável  
Cabe tormenta assim de nojo e dór?!

O' terra triste! ó céu inexoravel!  
Que ventrê de mulher pariu um dia  
Desaventura a esta assemelhavel?!

Nobres guerras armei, como cumpria,  
D'antino afoito a rudes castelhanos,  
Desbaratando-os Deus por minha via.

Contra a vô furoz, contra seus danos,  
Batalhei desde a alva alegradora,  
Ao derribado ceceo de meus ais.

## Atophan "Schering"

Não existe remedio igual a este para combater a  
**GOTTA, o RHEUMATISMO ARTICULAR, DOR  
SCIATICA, LUMBUGO, etc.**

Em todas as boas Farmacias

### APOLO

Telefone n. 4129

HOJE - ÚLTIMA REPRESENTAÇÃO DOS  
**Fidalgos da Casa Mourisca**

com Eduardo Brazão, José Ricardo, Maria  
Mateus e Ilda Stichin nos principaes papéis

Amanhã: Recita de Ilda Stichin  
«Hamlet», «Xriste Vivuinha», «Farsa de  
Ioz Pereira». Tomam parte por diferen-  
cia, Amaranite e Gastão Alves da Cunha.

Está desde já á disposição dos ars. assinantes os bilhe-  
tes, a importância dos bilhetes da 5.ª recita de as-  
sistidos, que a Companhia José Ricardo não realisa.

### POLITEAMA

EMPRESA LUIS PEREIRA - Tel. 7028 N.

Comp.ª REY COLAÇO - ROBLES MONTEIRO

Recita da  
Associação de Classe dos Empregados do Estado

## O OUTRO EU

Um acto de variedade

Depois de amanhã  
**Ordem de Marcha**

### TEATRO MARIA VITORIA

(Avenida - Parque Mayer)

## AVISO AO PUBLICO

Só amanhã se representa, irrevogavel-  
mente, neste teatro a fantasia-revista  
**FADO CORRIDO**

A empresa resolveu este ultimo adju-  
mento, não se preocupando com prejuizos  
materiais, afim de que o espectáculo possa  
revertir o maior brilhantismo.

Hoje realisa-se o ensaio geral.

A deslumbrante e graciosa revista

## CALDO VERDE

em scena no

### EDEN THEATRO

ó o mais atracente espectáculo desta noite

## DUAS SESSÕES

Sangue de irmãos verti... Verdido fôra  
Novamente mil vezes, sem piedade,  
Que alma não é de irmão alma traidora.

Patria minha gostosa, quem não há-de,  
Em risinho sabor, vida e fortuna  
Dar por teu livramento e majestade!

Como a de fogo altíssima columna  
Vai do povo de Deus na dianteira,  
Afim que se não perca ou se desuena,

Tal na frente dos hostes, sobranceira,  
Contra duro inimigo acovardado,  
Tremeu sempre no ar mim! a bandeira.

E' que nela Jesus ia pregado,  
Jesus, rei das estrelas, rei do mundo,  
Meu capitão fermoso e sublimado.

Ordenara, porém, o céu profundo,  
Que em tal cometimento era mister  
Carne sem nódoa e coração jucundo.

E estas mãos (a) do feito em que as pu-  
zera!  
Tocado haviam já, tornadas lama,  
Com vil desejo, em corpo de mulher.

Fôsse a Virgem celeste a minha dan-a  
Se, como Galanz, heroi invito,  
Alcançar me propunha honrada fama.

Deus castigou-me o coração maldito:  
Pois que sobre ele ainda vem pesando  
O cargo mortal do meu delicto.

O' cidadania da pureza, quando  
Um vicio te faz brecha, sem tardança,  
Prestes os mais accodem galopando.

Em minha carne, um dia honesta e man-  
sã,  
Por onde enctrou duxuria malfazeja,  
Entrou ira e soberba, entrou vingança.

Inda me sangue o peito lagrimeja  
Da boa e má tenção, que, desviadas,  
Armaram nele horrifica pejeja.

Oh, pejejas da alma encarnaçadas!  
São as outras uns jogos innocentes,  
Com o furor das tuas comparadas.

Anjos d'assas de luz resplandecentes,  
Séculos dia e noite a batalhar  
Com demônios, com tigres, com ser-  
pentes!

Ah, nem ousa de espanto relembrar  
Essa guerra feroz, que já não arde,  
Entre meu crime duro e meu pezar...

Tão animoso, nela fui covarde;  
Tão vencedor, a mim, fui vencido,  
E a victoria, se a hei, me chegou tarde.

Uma noite em que mais me vi perdido,  
Como afincada raiva e cruza sanha,  
Dos demônios ardentes combatido.

A visão me ressurgiu em forma estranha,  
E em tão grande e mortal melancolia,  
Que nunca em mim a houve assim tanta  
nha

Um longo véu de dó ella vestia,  
Numa tal soledade e desconforto,  
Que a dissereis a Virgem na Agonia.

Melga, sem me falar, o olhar aborto  
Pousou em mim então, como se fosse  
Uma madre encorando um filho morto.

No seio me verteu, divina e doce,  
Lagrima d'outra, e, com suspiro étéreo,  
Silenciosa esmaitando, evaporou-se.

O' lagrima de dór, por que misterio  
Subitamente ao nimino torrado  
Me deste paz, clareza e refrigerio!...

Tudo eu me senti purificado:  
Num ditoso sofrer o meu tormento,  
Numa pena benvinda o meu cuidado...

Morreu ou não morreu o chance-  
lor em casa d'A mulher da cocaina

Desvenda-se o  
misterio com

## A VIUVA GOMES

Todas as noites no

### TEATRO NACIONAL

### S. CARLOS

Tele. C. 5063

Companhia LUCILIA SIMOES

HOJE - Despedida de

## MAGDA

Admiravel trabalho de Lucilla Simões

Bilhetes desde Esc. 2500, á venda, de dia, sem aumen-  
to. «Fautouls» 6500. Fritas e camarotas 2500 e 1500

AMANHÃ - Terça-feira Recita de Meda e L. re-  
presentação da peça em 3 actos «Mar Alto», origi-  
nal de Antonio Ferro. O episodio «A História», de  
Benavente, tradução de Gerás Feres.

ARTIGOS  
E  
INFORMACOES

# A Cidade

CRONICAS  
E  
ENTREVISTAS

PELO EXERCITO

UM GRANDE MORTO

O NOSSO TEATRO

## A campanha dos jovens sindicalistas contra o militarismo

O tenente sr. Silverio Lebre, conversou com o jornalista, acerca das conferencias que os jovens sindicalistas vão realizar contra o militarismo, por occasião da proxima incorporação de recrutas:

—Quando é que se pode estabelecer a paz universal? Quando haverá harmonia, amor e concordia entre todos os homens, e quando é que esses mesmos homens renunciarão as sangrentas victorias da força bruta? Quando acabará o seu martirio aqueles povos que ainda hoje escravizados por povos das nações, choraram a sua perda de autonomia? Quando desaparecerão as nações que agrupam os homens e os separam por odios, rancores e invejas, por fronteiras meramente convencionais e indivisiveis, mas, no entanto, equivalentes aos maiores mares e ás mais altas montanhas?

—Deve ser realista e digno responder... —Impossivel. E, dada essa impossibilidade, quem não concluirá que o grito «Nada de organização militar!» é um suicidio para qual quer sociedade actual? A nação que quizesse conservar-se desarmada no meio dum mundo inteiro em armas, condenar-se-ia á morte. Para destruir o militarismo, seria preciso abolir completamente a ideia da Patria — e todos nós sabemos que destruir o amor patrio é uma empresa tão disparatada como impossivel. A ideia da Patria ha-de sempre existir. Se desaparecerem as fronteiras politicas fixadas por convenções, surgem as fronteiras geograficas que conservarão divididos os homens separados por discordias, envolvidos constantemente em luta.

Sobre o exercito: —Pedro, o Grande, afirmava: «Ser soldado é um titulo honorifico». Eu direi que a profissão de soldado é honrosa dignificante e não avilta. Dentro as profissões nobres, a missão do soldado é a mais nobre. O bravo batalhão de Africa, Aires de Ornelas, escreveu a respeito do soldado:

«Casas existam pelo mundo, onde homens vivem em casam, comendo do mesmo alimento, dormindo em leitos iguais. De manhã á um toque de coroa levantam-se para obedecer. De noite a um toque de coroa deitam-se a obedecer. De manhã fizeram sacrificio como da vida. Por officio desprezam a morte e o sofrimento fisico. Seus peccados são generosos, facilmente extinguidos. A beleza das suas accões é tão grande, que as postas não se cansam de as celebrar.

Quando passam juntos na rua, fazendo barulho, os creanças mais cuidadosos sentem estremeceer alguma coisa dentro de si. Estes são os soldados: Padres lhe chamam Moisés Barreto, padres da religião da Patria.

«A humildade e subjeição que os tornam semelhantes a coizas, elles se levantam acima dos outros homens. Corações magnânicos lançam-lhes em rosto o pão que comem, como se os coelhos do pret gostassem pagar a liberdade e a Vida. Publicistas de vistas curtas sabemnos caros do mais, como se alguma coisa houvesse mais caro que a servidão.

Pelo preço da sua subjeição compram a liberdade para todos, e a defendem da invasão estranha e do jugo dos paizões...»

«O homem da guerra é nobre. E quando elle se põe no campo, é sua esquadra v'la coragem, á sua disciplina.»

### INSTITUTO BRANCO RODRIGUES

Valiosos donativos  
O sr. José Bento Belmarço, socio da casa Lebre Filho, de S. Paulo (Brazil) enviou a este Instituto a quantia de Esc. 80916, importância de donativos de diversos benfeitores.

Os srs. L. B. d'Almeida e C.º do Rio de Janeiro restitueram Esc. 20050, por intermedio do sr. J. Tavares Valete, que catem visitou a sede do Instituto, no Estoril e escreveu no livro dos visitantes o seguinte:

«O Instituto de Cezes Branco Rodrigues é uma humanitaria obra, admiravel, digna de ser supranada pelas pessoas bafeadas da sorte. O seu fundador é um benemerente de grande e nobre coração, digno dos mais elevados honrosos. Saudou e congratulou-me em nome da conceituada firma L. B. d'Almeida e C.º, do Rio de Janeiro e faço ardentes votos pela sua preciosa saúde e longa vida, para melhor poder alargar a sua benemerita obra.»

### Exposição A. da Fonseca

Tem sido muito visitada a exposição do pintor A. da Fonseca, no salão da fotografia Bobone.

# JUNQUEIRO ESTA' QUASI ABANDONADO NA BAZILICA DA ESTRELA!

E' o cadaver dum seculo, sob pedra de dois seculos. O poeta que dorme, abandonado, entre quatro tocheiros altos e quatro estudantes de espas em funeral, e a catedral que reza, cavername enorme de nar, demandando o infinito.

Vararam o caixão, na nave, entre os retabulos da Virgem Santissima e da Nossa Senhora da Soledade. São duas imagens, dois versos de Junqueiro, poezinhas de amor, guardas eternos, anjos de ouro, cujas lagrimas, rebentam como chagas, na cera sagrada dos tocheiros precisionistas.

A nave é deserta. No altar-mor, repetem-se as grandes paginas da Biblia. Jeremias e Eclesiastic, de tunicas largas e profundas como versiculos, troncos de bronze e mascarac stormentadas, ajoelham numa grave compostura. A luz é fria, cai da cupula, e não dá alma ao marmore. Há brancuras regeladas, cinzentos de mar-morto, auroras mortas de luz que adormecem vencidas e exangues, no luar imenso da catedral.

Junqueiro dorme, abandonado da Patria, sobre o catafalco enlutado, pisando quatro leões de azas crispadas—o verso e a rima, a ideia e o genio, que ele dominou, que ele venceu, que ele emigalhou. Cristo crucificado, sobre a tampa do ataude, ergue os braços como no calvario, pedindo silencio...

A quem? Se as lagas da catedral cobrem, sem um estremeceimento, sem um passo profano, sem uma oração anonima, o campo santo dos cadaveres dos santos e das virgens?

E surge Camões, pedinte de genio, guiado por um escravo, nas alforjas da Lisboa quinhestista!

Camilo, sem ter ninguém que lhe tolha o braço suicidal O cadaver de Gomes Leal, num enterro sarcástico e burlesco, sobre a lama duma carreteira excentrica, entre gatos pingados de talento e de agencias funerarias.

Junqueiro dorme, abandonado, na catedral imensa, deserta e fria, onde paira um estranho crepusculo, palpitante de apocalipticas sombras. Não são quatro almas de estudantes, nem quatro chamas

de oiro, nem uma bandeira, ocultando Jesus crucificado que animam, que ressurgem, que glorificam uma patria inteira. Onde está ela a esta hora?

«Sem duvide, irmãos humildes de Junqueiro, crianças que aprendesteis nos «Pobresinhos», a orar, cavadores e pegureiros, peregrinos de estrelas, povo das montanhas, que foi do mar, Setestrelas, Santelmos e Vias-lacteus, cuja flama astral não cabe no ceu, mas enche de emoção, ritmo e harmonia, os seus alexandrinicos divinos, sem duvida—essa Patria, está nas esferas apagadas dos olhos de Junqueiro...»

Não morreu com ele! Mas apagou-se com ele! Junqueiro leva na alma a chama do amor com que a iluminou!

Ele que queria, ao morrer, que lhe abrissem a arca do peito e dele soltassem, heroico e bravo, fauces hiantes, juba desgrenhada, olhar de inferno, o leão que lhe rasgava a carne, teve apenas, no instante de transito, um soluço de criança, de criança que dorme, e que passa da vida á aleluia divina sonhando, sorrindo, rezando.

Na Basilica da Estrela, sem uma oração, sem um povo, sem uma patria, sem uma grandesa, sem uma romagem, sem uma peregrinação, entre quatro palidas chamas e quatro corações de criança, Junqueiro dorme, tal como ele queria, com Deus á cabeceira, o Espaço aos pés, e o Universo suspenso.

Deixai-o descansar! Deixai-o resar! Deixai-o dormir! E' a sua noite de vigilia, Nun'Alvares de sonho, tomando o sendal branco e a cota de armas de cavaleiro! E' S. Francisco de Assis, seu coração e seu santo, que ele leva no peito, redimindo a terra dos humildes, dos exilados, dos pobres, das andorinhas!

Hoje são as trevas; o místico aneio do granito sepulchral da Basilica, em cujas veias já corre, já palpita, já ressumbra a alma da eternidade...

Amanhã, é a gloria officia! Então, sobre o espelho do granito cruciatório os corpos, como os abutres pairando sobre as aguias vencidas!

A. P.

### ORDEM PUBLICA?

O sr. general Roberto Baptista, comandante da 1.ª divisão do exercito, teve hoje demorada conferencia com o sr. ministro da Guerra.

### Cruzador «Carvalho Araujo»

O cruzador «Carvalho Araujo», que estava no Funchal, seguiu para a Horta, onde se demorou um dia, seguindo depois para Angra do Heroismo, onde ancorou.

### O novo alto commissario de Moçambique

O alto commissario de Moçambique installou a sua secretaria numa das salas contiguas ao gabinete do sr. ministro das Colonias.

### VAPOR «S. MIGUEL»

O vapor S. Miguel, da Empresa Insulana de Navegação, é esperado na 4.ª feira de manhã, de regresso da Madeira e Açores.

### MALAS POSTAIS

Pelo Angola são amanhã expeditas malas postais para Pernambuco, Pará, Manaus e Baía, sendo ás 8 horas a ultima tiragem da caixa geral.

### Feira de beneficencia

Por não estarem ainda concluidas varias installações da feira de beneficencia do parque Eduardo VII, esta feira só abrirá ao publico definitivamente na proxima quinta-feira.

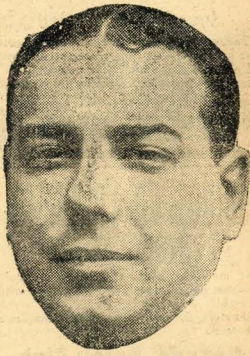
# O «Mar alto» do escritor Antonio Ferro subirá âmanhã á scena

Sobe amanhã á scena, no Teatro de S. Carlos, a peça arrojada de Antonio Ferro, *Mar Alto*. Como se trata, evidentemente, duma peça moderna, cheia de simplicidade nos processos e de intensidade no dialogo e na accão, é de presumir que a noite de amanhã tenha um desuado interesse, divergindo as opiniões e as criticas sobre o real merito da peça.

Convem recordar o que dela pensa o autor, na entrevista concedida ha dias ao *Diario de Lisboa* e cujas afirmações principais não nos recusamos a transcrever:

«Três razões me levaram a pôr á minha peça o titulo de *Mar Alto* — afirma Antonio Ferro.

A primeira provém do tema, um tema forte e tempestuoso, tema de bruma e naufragio. A segunda reside na sonoridade da expressão: *Mar Alto* é um grito de socorro de duas al-



ANTONIO FERRO

mas aflicta. A terceira encontra-se na vulgaria que eu tive sempre em excitar na vulgaridade, em estimular o lugar comum: *Mar Alto* presta-se aos trocadilhos facéis, á gracinha da peça naufragada.

«O teatro que nos interessa é o teatro forte, o teatro com musculos, ou o teatro onde os bastidores se prolongam na scena, onde os personagens andam vestidos com as suas proprias almas.

*Mar Alto* quer ser assim. *Mar Alto* que tem nos dois primeiros actos a fisionomia de uma peça imoral, é, no fundo, no terceiro acto, uma peça moralissima, quasi burguesa. Tem o desenvolvimento de uma onda.

Lucilia é bem maior que a minha peça. Não é uma interprete: é uma colaboradora. Lucilia é o *Mar Alto* da minha peça. Erico Braga tornou grande o seu papel com uma interpretação que me satisfaz em absoluto e que é um dos seus trabalhos mais cuidados e mais intelligentes.

Eis o que Antonio Ferro pensa da sua peça e do desempenho que ela vai ter.

\*\*\*

Publicaremos amanhã uma entrevista com Lucilia Simões, preparando assim os leitores uma hora antes, para uma viagem... até ao alto mar!

### Mercado 24 de Julho

Em nome da Associação dos Agricultores e Horticultores do Distrito de Lisboa, os seus directores, srs. O'Neill Pedrosa e João Pascoal, conferenciarão demoradamente com o sr. Fernando Pires, senador do pelouro dos mercados, a fim de se acordar na forma de serem melhorados os serviços do Mercado 24 de Julho.

6 HORAS DA TARDE

ULTIMAS NOTICIAS

6 HORAS DA TARDE

O CRIME

A BOA-HORA E OS GATUNOS AS CONSIDERAÇÕES DO CHEFE MURTINHEIRA

— A imprensa censura constantemente a policia. O publico tambem se queixa. Que está mal montada, que protege os criminosos, que não tem qualquer acção tendente a diminuir as estatísticas criminaes...

Foi com estas palavras de lamentação que o chefe Murtinheira — um habil policia evelho estylo, intelligente, politico, insinuante — abriu a conversa.

— E ha razão para essas queixas? Sem responder directamente a pergunta, o chefe da 1.ª secção da investigação explicou: — A policia area com responsabilidades que são dos outros pertencem.

— A organização policia é deficiente? — E' possivel, em certos pontos. Mas as culpas do desenvolvimento da criminalidade e da impunidade dos criminosos não pertencem a policia.

\*\*\*

E a demonstrar a sua asserção, o chefe Murtinheira, conta:

— A policia manda ás vezes para o tribunal da Boa-Hora criminosos, cadastrados mesmo, que, dali a dias, andam outra vez a passar pela cidade, livremente.

Um exemplo: — O que se passa com as sovaqueiras é edificante. Vejo uma que se encontra agora no Governo Civil. E' acusada de ter roubado uma peça de fazenda, no valor de 780 escudos, numa loja da rua do Ouro. Foi apañhada, com o roubo, na rua de Santa Justa.

— Mas, a que proposito... — Eu lhe conto: Esta mulher tem 13 prisoões. As 6 ultimas foram devidas a identica accusação. Pois a Boa Hora, mal a policia lhe entrega, imediatamente a liberta. E o que é interessante é que tem sido sempre enviada ao mesmo juizo.

Uma estatística interessante: — As datas das 6 ultimas prisoões: 28 de Outubro de 1921, 10 de Janeiro de 1921, 20 de Janeiro de 1921, 29 de Agosto de 1922, 16 de Janeiro de 1923 e 12 de Abril de 1923. E o habil chefe de policia conclue: — Assim, é impossivel fazer-se qualquer coisa no sentido de se defender a sociedade contra o crime.

AS BOMBAS CONTRA OS JUIZES DO TRIBUNAL DE DEFESA SOCIAL

Estão entregues á 2.ª secção da policia de investigação, á diligencia policia acerca do atentado dinamitista que no sabado ultimo se deu á porta do edificio da Boa Hora, de que resultou ficarem feridas varias pessoas, entre ellas o sr. Barbosa Viana e Ferreira de Sousa, vogais do Tribunal de Defesa Social.

Além de Domingos da Silva, que conforme já noticiámos foi preso no caso em que se deu o atentado, tambem já se encontram detidos e incommunicaveis os jovens sindicalistas Pedro Soares, Antonio Augusto dos Santos e Artur Inacio.

O Domingos da Silva, encontra-se rigorosamente incommunicavel num calabouço particular do governo. Não tem fundamento a noticia publicada por um jornal da manhã de ontem, de que o Domingos, no dia em que foi preso ao ser interrogado pelo sr. Paulo Menano, director da policia de investigação, tivesse confessado ser um dos autores do atentado, e denunciação dos seus cúmplices.

Acusado de ser um dos mandatários do referido atentado foi esta manhã preso, quando se achava aloçando num restaurant na travessa Nova de S. Domingos, José Gomes Pereira e O A'vante.

STORES DE MADEIRA RUA DO SEculo, 140

A TARDE PARLAMENTAR

Elogio de Guerra Junqueiro foi feito por toda a Camara

O dia dos funeraes será feriado e de luto nacional

O sr. dr. Pedro Pita appareceu hoje indignado com um caso grave que se deu em Santa Cruz da Ilha da Madeira, e que ele conta assim: — A multidão assaltou a repartição de finanças, agredido o respectivo chefe de tal maneira, que o deixou entre a vida e a morte. Tratase de um correitorario meu a quem já se fizeram duas sindicancias que acabaram pelos mais rasgados clogios ao sindicato.

— Estão-se a ver — arzo o orador — que a policia mesquinha é torpe que ali se faz, não podendo por outro meio verse livre do funcionario, procurou fazê-lo assassinar aticando-lhe as pernas a multidão. Porque a julgo individualmente, uma tentativa de assassinar; e desse crime são reis o administrador do concelho e o governador civil do Funchal. E foi assim que...

Uma sarabanda no sr. Antonio Maria da Silva por não ter energia para meter na ordem aquelles dos seus correitorarios que procedem irregularmente, e este remoque a fechar:

— Já mais longe. Tudo leva a crer que o governador civil praticou o crime de que o acuso, de acordo com o sr. presidente do ministerio. Ele vem a Lisboa; falou com o sr. Antonio Maria da Silva; e assim que regressou á sede do districto, praticou a proeza. Factos são factos. E os factos são estes Na Madeira praticamos verdaderas infamias; não se respeitamos os direitos dos outros.

A afirmação do deputado causou sensação; e o presidente do ministerio veio outra vez a terreiro, chamando levando-da á accusação e apodando de injustas as suposições do orador. Uma historia muito comprida, com muitos pormenores a pedir substitutos. Que o governador civil, quando veio ao continente, não se queria voltar ao seu posto; que só lhe deu poderes para manter a ordem contra tudo e contra todos; que não teve nada com o que se passou, etc.

Pedro Pita interrompe, e Antonio Maria da Silva mete pausas com a mão estalpada: — Espere lá!

Da a pouco nova interrupção. — Já lá vamos.

— Mas o que V. Ex.ª está a dizer não tem nada que ver com o caso... — Já lá vamos. Ex.ª conta os factos como entende. Eu tenho o direito de fazer o mesmo... E ficaram nisto.

O sr. Alberto Vidal, na presidencia, noticiou agora a morte de Guerra Junqueiro, lendo num papel um pequeno discurso elogiativo, que acaba por propor um voto de sentimento e do encerramento da sessão em sinal de luto.

Pedro Pita propoz, para se associar á proposição, varios oradores.

Carlos Pereira, em nome da maioria democratica, teve, entre outras igualmente brvantes, estas frases, ditas vibrantemente: — O drama da sua obra é o drama da sua patria. Em Junqueiro o que ha? A patria é só a patria. E a sua humildade religiosa e cristã não é simples, que é a bondade do povo cantada em rimas doces; a sua critica de luz, na «Velhice do Padre Eterno» amoldando o dogma e não atacando a religião de Christo; é a sua grandeza e a sua revolta, na «Patria»; e, por fim, é a sua implicação politica, condemnando, na «Morte de D. João»...

Aires do Ornelas, em nome da minoria monarchica:

— A geração a que eu pertencio viveu e cresceu na admiração de Antero, de João de Deus e de Guerra Junqueiro. Não esqueçamos os tempos distantes da escola, quando todos nós sabíamos de cor a «Morte de D. João» e todos nós discutiamos a «Velhice do Padre Eterno». Como catolico e como portuguez partilho com a mais alta admiração por esse genio que foi uma das mais legitimas glorias de Portugal. Deus nos deu um grande exemplo, abraçando no terreno da vida a religião dos elevadores. Foi sempre pelo seu paiz a mais apaixonada dedicacão; e consistia-me que tinha preparada uma nova edição da «Patria» na qual desaparecem todas as offensas pessoais dirigidas pelo poeta a quem nesse tempo era rei de Portugal.

Ginestal Machado, em nome dos nacionalistas:

— Era Guerra Junqueiro um dos raros espiritos que ainda existia dahiante brilhante pleiado de escritores que illumou o seculo XIX. Deus nos uma altissima lição. Sendo amador e mais alta figura de republicano, soube conciliar a ideologia dos seus principios politicos com a elevação da crenga.

Oxalá esse exemplo fructifique, e se acabe de vez em Portugal com essa luta entre a democracia e a religião que tantos dissidios causa.

Lião Neto, em nome da minoria catolica:

— Guerra Junqueiro morreu como um crente, encaminhando o caminho que nos convém se quizermos salvar a patria: o caminho da fé. Jamais esqueçerei esta afirmação: o poeta me fez um dia: «Fui injusto para com a Igreja; quem me dera ter tempo para arrancar por completo da minha obra as blasfemias que nela escrevi contra a Igreja e com Deus».

— Depois de citar varios trechos do poeta: — Guerra Junqueiro chegou a dizer-nos: «Se não fosse a minha fé em Deus, já me teria suicidado!»

Carlos Vasconcelos, em seu nome pessoal: — A arte de Junqueiro não é só um produto da natureza, é um produto do Universo traduzido pela emotividade e pelo enternecimento das crechças portentosas e dum coraçao de privilegio. Se alguma coisa quizermos dizer, digna do grande homem que a patria perdeu, teremos que ir buscar expressões ás paginas dos seus livros.

Antonio Maria da Silva, em nome do governo:

— E' cedo, ainda; e não é este o logor proprio, para apreciar a portentissima obra de Junqueiro. N'este momento, cumpre-me apenas — e faço-o conternadamente — curvar-me perante a urna que encerra os despojos imortaes do maior genio contemporaneo da raza latina.

O sr. Antonio Maria da Silva acabou por enviar para a mesa, requerendo para ella a urgencia e dispensa do regimento, uma proposição com os seguintes artigos:

Os funeraes de Abilio Marcello Guerra Junqueiro, gloria do genio portuqez, serão feitos a expensas da Nação e consideracões nacionais, devendo prestar-se-lhe todas as honras.

— O cadaver do poeta será depositado nos Jeronimos, junto dos de Camões, Garrett, Herculano e João de Deus.

— O dia dos funeraes será feriado e considerado de luto nacional. E' autorisado o governo a abrir os creditos necessarios para a execucção desta lei.

Foi approvada por unanimidade encerrando-se em seguida, a sessão.

O ENSINO

A REFORMA DA INSTRUÇÃO E OS PROFESSORES

FALA ANTONIO MANTAS

Alguns professores reuniram na passada semana para discutirem e apparearem a novissima reforma do sr. ministro da Instrucção.

Houve divergencias — e houve alguns protestos. Serão justos esses protestos? O sr. Antonio Mantas, chefe da 1.ª repartição de Ensino Secundario, numa palestra de acaso, disse-nos hoje o seguinte:

— Li com a maior allegra as bases da reforma do ensino; li tambem o que se passou na reunião dos professores.

— E qual a sua opinião? — A reforma é boa em conjunto e revela os vastos conhecimentos do sr. dr. João Camoazes. Em materia de instrucção a Republica já havia provado, com a reforma do governo provisório, o seu interesse pela adequação. As leis promulgadas então eram modelares. Pena foi que a reforma do sr. dr. Camoazes, algumas asperas, provenientes do periodo revolucionario em que foram elaboradas.

— Dos ministros que passaram pela pasta da instrucção — tantos foram! — nenhum encarou de frente o problema, por falta de tempo. Os regulamentos, boletins, avisos e circulares são ás dezenas. Cada ministro destruiu nos poucos dias em que geriu a pasta a obra do seu antecessor. Por isso a obra do actual ministro, trabalhada com rara coragem e independencia, e das que marcam, e das que ficam.

— Dizem que ela tem; outros fracos... — Para mim o ponto traco da reforma para os que a condemnam é o ponto forte de ella para os que a elogiaram.

— Parece que não agrada a determinação dos professores á inspecção rigorosa ao ensino.

— A inspecção tecnica do ensino em todos os seus ramos, feita a rigor e absolutamente indispensavel. Sou partidario della. Só a não quero os que temem, porque não são cumpridores, a classificação dos seus serviços.

— Mas a inspecção do ensino secundario já estava prevista.

— E de que serve estar prevista se não está oramentada? Não ha forma de dar-lhe execucção por que não ha verba para viagens e outros de custo. E a falta de assiduidade aos serviços escolares e cada vez maior. Felizmente, os professores desleixados ainda estão em minoria. Mas acima assumo o Repto: os que protestam contra a inspecção é porque a recciam. E recciam-na porque, em face della, os seus serviços e vencimentos serão classificados e pagos de harmonia com o seu trabalho assiduo e zelo.

E o sr. Antonio Mantas conclue: — Pode admittirse que sejam igualmente classificados e remunerados os serviços dos bons e dos maus professores? Não! Porque ha disciplina nos serviços militares e não hade haver disciplina nos serviços civis?



Jovita de Almeida Cunha Ramalho FALOEU

Antonio de Aguiar Ramalho, José Julio da Cunha, Arminda de Almeida Cunha, José de Almeida Cunha, Maria de Almeida Cunha, Carolina de Aguiar Ramalho, Pedro de Aguiar Ramalho e os seus esposos, Joaquim Viegas e António de Aguiar Ramalho, participam na sua esposa e filha, Gonçalo Duarte de Almeida, J. da Cunha sua esposa e filha, Clotilde de Jesus Cunha e seus filhos, Filipe José da Cunha sua esposa e filha, Antonio José da Cunha sua esposa e filha, Maria Amelia Cunha Dellim seu marido e filhos, Antonio Baptista Aguiar, Felice Aguiar e sua familia, participam nos seus parentes e pessoas de suas relações, que foi Deus servido chamar á sua divina presença sua extremidade, esposa, filha, irmã, mãe, condada, sobrinha e primo, e que o seu funeral se realiza amanhã, 10, pelas 14 horas, nação o prestado na sua residência, Campo Grande, 165, 1.ª, para o cemiterio oriental.